

CULTURA


METÁFORAS DO AMOR

 Erotismo e paixão, marcas registradas de *Sem mim*, novo espetáculo do Grupo Corpo.

PÁGINA 6

DANÇA

Em *Sem mim*, novo espetáculo do Grupo Corpo, o público é convidado a explorar a arqueologia das paixões. A coreografia de Rodrigo Pederneiras soa libertária nestes tempos de intolerância



Eros vive

MARCELLO CASTILHO AVELLAR

Rodrigo Pederneiras, coreógrafo do Grupo Corpo, volta e meia fica obcecado com o amor. O resultado disso são balés como *Lecuona*, *Santagustin* ou, agora, este *Sem mim*, que se apresenta até domingo no Grande Teatro do Palácio das Artes. O olhar do coreógrafo sobre o assunto é tão variado quanto as próprias possibilidades do amor. *Lecuona*, por exemplo, ia do trágico ao brejeiro. Em *Sem mim*, encontramos uma carga de erotismo tão forte que nos atinge mesmo quando os bailarinos não se tocam.

Será que alguém poderia chegar a essa conclusão sem ler algum texto a respeito, ou sem entender as "cantigas de amigo" (manifestação da poesia amorosa nos primórdios da língua portuguesa) que servem de base para a trilha sonora de *Sem mim*? É possível que sim. Corpos em movimento são, por definição, uma leitura da paixão. Rodrigo Pederneiras volta e meia elege movimentos que funcionam em determinado balé como *leitmotifs*, que se repetem e transformam ao longo da estrutura da obra propondo chaves para uma leitura, quase convidando a decodificações a partir de nossa própria experiência corporal. Em *Missa do orfanato*, por exemplo, tínhamos o erguer braços e mãos para cima e recolher, logo a seguir, todo o corpo – algo que facilmente associamos, em nosso imaginário, a lembranças da arte religiosa, posturas de súplica, elevação, graça, arrependimento. A capacidade de um gesto constituir pantomima não decorre de intenção narrativa de quem o cria, mas da relação com o imaginário de quem o presencia.

Sem mim tem uma dessas chaves preciosas, o alongamento que projeta primeiro o quadril, a seguir o peito e, por fim, cresce em direção à cabeça dos bailarinos, como se fosse uma onda – possível inspiração do movimento, já que as "cantigas de amigo" sempre remetem ao mar como espaço do desejo, da fuga ou da perda, metáfora do amor e do erotismo. A expressão dos quadris dos bailarinos já é algo conhecido para quem acompanha a criação do Corpo. Eles requebram brasileiroamente. Os de *Sem mim* vão além disso: naquele movimento ondulatório, ostensivamente projetam a sexualidade dos bailarinos em direção uns dos outros, e em direção ao mundo. Difícil não ver, ali, corpos que se propõem e se oferecem, buscam alcançar outros corpos não em partes quaisquer, mas nas que correspondam àquele movimento.

Os outros elementos em cena envolvem os bailarinos com uma teia de signos que também nos remete à paixão. Sobre os intérpretes paira o cenário criado por Paulo Pederneiras, produzindo a impressão de que pode, a qualquer momento, se transformar em qualquer coisa. É rede de pescador, templo, cortina. É nuvem, aurore boreal, tenda. É útero. Pode separar os bailarinos de nós, mas não de nosso olhar. Pode nos fascinar, mas nunca dispersa nossa atenção, por sempre oferecer possibilidade de metáfora que se integra ao conjunto. O figurino de Freuza Zechmeister alcança a nudez sem despir os bailari-



JOSÉ LUIZ PEDERNEIRAS/DIVULGAÇÃO

Sutilezas do figurino de Freuza Zechmeister: nudez, mas sem despir os bailarinos

nos. É como se estivéssemos diante de corpos tatuados, como se o contato entre eles fosse sempre pele com pele.

Na dança, o eterno jogo de Pederneiras entre o que conhecemos e o que não conhecemos – um movimento novo cortado por vislumbre do que encontramos em outro balé do Corpo, composição contemporânea que subitamente nos remete ao baile ou ao folgado. Nunca esse jogo foi tão expressivo, pelo próprio material musical que o envolve, velho de séculos, mas tratado por José Miguel Wisnik e Carlos Nuñez a partir de um olhar sobre o ambiente sonoro dos dias de hoje. É ambiente do mais puro delírio. A música vai fundindo diante de nós, como o cenário, antigo e novo, tradição e contemporaneidade, Europa medieval e tambores brasileiros. E vai nos envolvendo, e envolvendo a coreografia, como se o Corpo não dançasse sobre a trilha, mas dentro dela.

Impossível não sucumbir a tudo isso, processo que se torna mais intenso à medida que a obra avança. Aos poucos, mergulhamos numa arqueologia de paixões e erotismos rumo ao final, quase tribal no jogo entre as tatuagens de Freuza, a dança de Rodrigo e seus bailarinos, a música. Num balé em que, desde o início, homens e mulheres são tratados de maneiras distintas, *Sem mim* guarda uma surpresa no final, momento belo, em que a diferença de gêneros permanece na singularidade dos corpos e dos movimentos, mas nos remete à igualdade – algo que transforma a obra em discurso até mesmo político nestes tempos de guerra cultural e intolerância. Quando falamos de amor, não nos referimos a homens, nem mulheres nem almas, parece nos lembrar *Sem mim*, mas a seres humanos e corpos. Em movimentos estranhamente distantes porque antigos, mas visceralmente próximos, porque ancestrais. Eros vive.